



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Libertação e dependência: a leitura teológica das ciências do social na América Latina*

Liberation and dependence: theological reading of the social sciences in Latin America

Helio Aparecido Campos Teixeira**

Ezequiel de Souza***

Resumo

Introdução: No início da década de 1970, os movimentos sociais flexionaram a teologia latino-americana a um criativo processo de desprivatização da fé cristã, reconfigurando desde as práticas comunitárias de *libertação* e suas implicações holísticas o exercício teórico a respeito do seu comprometimento político e social. Em consequência, a noção de *libertação* passou a ser abordada pelo equivalente oposto de *dependência* dentro do quadro metodológico de abordagem bíblico-teológica. **Objetivo:** Compreender o significado da correlação oposta da libertação à dependência desde suas especificidades de acordo com a visão dos intelectuais da libertação, e identificar a forma pela qual a dependência foi apropriada para responder ao quadro teórico responsivo socioanalítico destes intelectuais, vinculando a leitura da realidade à prática comunitária latino-americana. **Métodos:** Pesquisa histórico-sistemática, de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva, organizada a partir de esquemas conceituais. **Resultados:** Partindo da constatação da refração teórica da *dependência* pela libertação, o conceito surge como a *interpretação teológica* de todo um campo teórico tomado indistintamente, a saber, a *Teoria da Dependência*. **Conclusão:** A correlação oposta entre *dependência* e *libertação* como constatação de semelhança entre o real teorizado (dependência) e a conceitualização hipotética de máximas de ação (libertação), compreendida dentro da teoria geral do anti-imperialismo, resultou num fazer teológico interdisciplinar.

Palavras-chave

Teologia da Libertação. Teoria da Dependência. Sociologia. Subdesenvolvimento.

[Texto recebido junho de 2015 e aceito em junho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Artigo apresentado como Conferencia Magistral no I Congreso Internacional de Sociología, ocorrido em Machala, Equador de 02-05 de junho de 2015.

** É Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Realiza estudo e estágio pós-doutoral na mesma instituição. E-mail para contato: heliutopia@gmail.com.

*** É Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Contato: ezequiel.souza@ifam.edu.br

Abstract

Introduction: In the early 1970s, social movements flexed Latin American theology to a creative de-privatization process of the Christian faith, reconfiguring from the community practices of *liberation* and their implications holistic theoretical exercise about its political commitment and social. Consequently, the notion of liberation began to be addressed by equivalent *dependence* on opposite within the methodological framework of biblical-theological approach. **Objective:** To understand the meaning of the opposite correlation of *liberation* from *dependence* to their specificities in accordance with the vision of intellectual liberation, and identify the way in which dependence was appropriate to respond to the responsive theoretical social analytical framework these intellectuals, linking the reading of reality the Latin American community practice. **Methods:** Historical and Systematic research, exploratory, with analytical-descriptive orientation, organized from conceptual schemes. **Results:** Starting from the refraction of the theoretical *dependence* for the release, the concept emerges as the *theological interpretation* of an entire theoretical field taken indistinctly, namely the *theory of dependence*. **Conclusion:** The opposite correlation between *dependence* and *liberation* as finding similarity between the real theorized (dependence) and the hypothetical conceptualization of maxims of action (release), comprised within the general theory of anti-imperialism resulted in an interdisciplinary theological doing.

Keywords

Liberation Theology. Theory of dependence. Sociology. Underdevelopment.

Considerações Iniciais

Com o alvorecer dos anos 1960 e a entrada dos *movimentos sociais* na agenda política da América Latina, bem como a necessidade de novas interpretações a respeito da situação econômica e política do continente, marcadas pelo paradigma da *Teoria do Desenvolvimento*, também a teologia buscou estabelecer novos espaços de interpretação dos eventos sociais. Fruto dessa necessidade foi a organização da Teologia da Libertação como uma abordagem autóctone, própria à contextualidade e assentada numa reflexão que toma a realidade social e política como pronto de partida para a teorização a respeito da prática social cristã.

No presente texto, discutiremos brevemente a leitura da teologia latino-americana da *Teoria da Dependência*, a qual foi desenvolvida no bojo da metateoria do *Desenvolvimentismo* entre as décadas de 1930 e 1950. Veremos que a Teologia da Libertação fez uma opção estritamente política imiscuída às lutas de libertação por parte dos cristãos e cristãs da América Latina ao longo das últimas décadas do século XX.

A Teologia da Libertação e sua leitura da Teoria da Dependência

A Teologia da Libertação constituiu-se como uma interpretação teológica das ciências *do social*, especificamente condicional à *Teoria da Dependência*, alienando dessarte sua própria leitura da *empíria* latino-americana a uma suposta delimitação do *fazer teológico* ao âmbito da fé.

Essa definição, em si, até onde alcança a investigação interpretativo-bibliográfica, da reconstrução histórica sob um viés da teoria clínica do campo científico de Bourdieu, apresenta-nos a teologia latino-americana como o epifenômeno sociocultural e político de uma tentativa de delimitar o campo de ação teológica, tanto na relação interna, contexto imediato da organização eclesial, quanto na relação externa, integração do contexto imediato à história globalizada e unificada, cuja compreensão relativa à história da salvação passa por reformulações epistemológicas no período de passagem da década de 1960 para a de 1970.¹

O que, aqui, deve-se entender, sob interpretação teológica das ciências *do social*, um conceito imiscuído à teoria geral do anti-imperialista, mas não qualquer formulação analítico-normativa da qual se pudesse depurar inferências empírico-analíticas, é que tal teologia resultou de um amplo e profícuo período de debates internos aos grupos intelectuais da América Latina a respeito das identidades nacionais e seus papéis na política internacional, sendo um dos seus resultados teóricos a *interpretação teológica do político*, bem como pressuposições a respeito de suas máximas de ação.

Semelhante maneira de entender a teologia latino-americana implica uma delimitação específica de observar e compreender o fenômeno cultural-político que é a emergência de uma teoria de alcance global desde uma geografia político-periférica, por assim dizer. As problemáticas referentes à dogmática, à pastoral, à eclesiologia e à cristologia passam de uma compreensão pautada por *pressuposições metodológicas de fundo axiomático* (geograficamente localizadas e tornadas universais) a uma interpretação holística desde a prática comunitária do envolvimento político-cultural com a luta contra uma *geografia da fome* e da *miséria*, práticas compreendidas a partir de lugares e tendo causas determinadas, com relação a tipos sociais historicamente construídos.

É bem verdade que a teologia é um fenômeno cultural nuançado por suas especificidades culturais e políticas, variando de um lugar a outro. No entanto, tal constatação nem sempre positivou o *fazer teológico* onde quer que ele fosse elaborado, sendo quase sempre a pluralidade de vozes autóctones subsumidas e estabelecidas a partir de indicações norte-atlânticas, pelo menos no que diz respeito ao discurso construído desde a dogmática da igreja cristã ao longo da modernidade. Para chegarmos a um

¹ BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do Campo Científico*. São Paulo: Unesp, 2004.

conhecimento sintético do fenômeno político e sociocultural, que no caso aqui é a elaboração de um *corpus* sistemático de caráter religioso, e que seja ao mesmo tempo positivo, é importante tomar nota de um método apropriado. No caso da teologia latino-americana, tratou-se de um método dialético-conflitivo.

A Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação procurou dar importância à correlação entre *dependência* e *libertação*, denotando assim um aspecto dialético-materialista a respeito da situação das economias periféricas do capitalismo globalizado. A teologia até então flertava com vertentes estrutural-funcionalistas e, muitas vezes, conservadoras, as quais mantinham modelos neoescolásticos na base de sua fundamentação. Tais vertentes serviam à manutenção de certo *status quo* e vinculavam esquemas de pensamentos dominantes ainda eivados por heranças coloniais que se reproduziam nas estruturas sociais.² O paternalismo era sua mais evidente característica.³

A teologia também foi impactada pelos movimentos sociais que emergiram nos anos 1960 e 1970.⁴ Muitas correntes vicejavam desenvolvimento naquele período. Existiam teologias *do desenvolvimento, da ação* (da Nova Cristandade),⁵ *da revolução*⁶ ou *da tecnologia*.⁷ A América Latina estava sob influência de mudanças significativas no velho mundo como o Concílio Vaticano II e as novas perspectivas na teologia protestante, sendo seu resultado mais característico a abertura ecumênica.

Com as mudanças no campo teórico a respeito da situação geopolítica latino-americana, a teologia passou de uma visão *sociográfica*, no dizer de Dussel,⁸ a uma visão mais sociológica. Juntamente com as mudanças na percepção da totalidade do capitalismo globalizado, a teologia realizou um câmbio epistemológico, qual seja, uma virada historicista dialético-materialista-conflitiva. Passou de uma tendência conservadora e mediadora de classes a uma tendência que postulava o conflito como característica da

² Florestan Fernandes afirma que a alteração dos laços de dependência colonial e a substituição do polo hegemônico dos portugueses aos ingleses não permitiu mudanças nas estruturas sociais significativas, as mudanças ocorreram "*ex abrupto*, de modo desordenado, mas sob condições de relativo otimismo e certa intensidade, constituindo-se assim um setor econômico *novo e moderno*, montado e dirigido, diretamente ou a distância, por interesses e organizações estrangeiras". FERNANDES, Florestan. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. 5. ed. São Paulo: Global, 2008. p. 25.

³ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do Patronado Político Brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979. 2 v.

⁴ SADER, Emir. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 141-196.

⁵ DUSSEL, Enrique D. *Desintegración de la cristiandad colonial y liberación: perspectiva latino-americana*. Salamanca: Sígueme, 1978. p. 124-126.

⁶ SHAULL, Richard. *O cristianismo e a revolução social*. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953. Ver também ALVES, Rubem. *Teologia da libertação em suas origens: uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil - 1963*. Vitória: IFTAV, Faculdade Salesiana de Vitória, 2004.

⁷ DUSSEL, Enrique D. *Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 51-119.

⁸ DUSSEL, 1978, p. 125.

própria história do continente. A partir do conflito entre as classes sociais presentes na América Latina seriam organizadas as várias formas de compreender a produção teológica. *Dentro do processo capitalista dependente e desigual as teologias seriam gestadas conforme pontos de vistas determinados pelas posições dos atores sociais*. Relacionadas ao campo acadêmico e eclesiástico, a Teologia da Libertação resultou de novas configurações. Dussel expõe que houve uma anteposição *Teologia Desenvolvimentista Europeia-Teologia da Libertação*. A teologia europeia e norte-americana compreendeu por mundo apenas o centro, esquecendo-se das periferias. Seu mundo não foi o mundo total, ela deixou de fora de sua reflexão a produção dos pobres, dos marginalizados, das mulheres e dos povos indígenas, enfim, dos oprimidos e oprimidas.

A teologia latino-americana, como parte de um campo maior, as ciências humanas, foi também transformada pelos eventos sociais e contribuiu com uma leitura do *cristianismo de libertação*⁹ na qual interpretou o resultado de uma forma teórico-conflitiva da sociedade subdesenvolvida, a saber, a interpretação da Teoria da Dependência como lugar teológico (*Locus Theologicus*) próprio ao método hermenêutico.¹⁰ Essa interpretação se deu pela abordagem teológica dos resultados das ciências do social e menos por uma análise dos dados e estatísticas que estavam sendo obtidos ao longo dos últimos 30 anos e das expectativas de crescimento, principalmente com o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek, 1956 e 1961.¹¹

Teoria da Dependência

Dentro da análise da totalidade, a América Latina constituía-se na negação europeia produzida por ela mesma, isto é, o *não-ser* europeu negado por políticas de transferência da *plus-valia* das nações periféricas, subdesenvolvidas, às nações do centro, desenvolvidas. Por meio dessa negação, a realidade latino-americana estava marcada pelo caudilhismo e pela doutrina da Segurança Nacional,¹² energizados por elites burguesas-liberais que se vinculavam ao capital estrangeiro através dos empreendimentos de multinacionais. É a partir dessa contextualidade que novas cristologias passaram a ser pensadas e articuladas. Como bem considera Assmann: “o conflito das cristologias não pode ser analisado nem dirimido fora da dialética dos conflitos sociopolíticos, que foi sempre sua real condicionante histórica”.¹³

⁹ LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁰ SOUZA, Ezequiel de. *Entre a Dependência e a Libertação: mudanças epistemológicas na teologia latino-americana a partir da apropriação da Teoria da dependência pela Teologia da Libertação*. Tese. 252 f. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

¹¹ FERNANDES, 2008, p. 12-13.

¹² COMBLIN, José. *La nueva práctica de la Iglesia en el sistema de Seguridad Nacional*. ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE TEOLOGÍA, LIBERACIÓN Y CAUTIVERIO. México, 1975.

¹³ ASSMANN, Hugo. *Liberación, opción de la Iglesia en la década de 70*. Bogotá, [s.e], 1970. p. 37.

A contextualidade latino-americana marcou a nova elaboração cristológica. Foram as teorias do *Subdesenvolvimento* e da *Dependência* que marcaram profundamente a nova teologia ao final da década de 1960. Depois de quase 30 anos de desenvolvimentismo, os novos dados e estatísticas que estavam à disposição dos intelectuais começaram a ser analisados por vieses mais críticos. De 1930 a 1960, o Brasil viveu um enorme crescimento econômico e social.¹⁴ No entanto, o país continuava com um dilema cruel, qual seja, a desigualdade econômica e social ainda era gritante. O país crescia a altas taxas, consolidando-se como uma das economias mais vistosas do continente, mas não conseguia resolver sua contradição interna, considerando-se a metateoria do desenvolvimentismo como argumento explicativo.¹⁵ Essa teoria dizia que para um país se tornar desenvolvido era preciso aumentar a taxa de poupança interna e possibilitar a criação de condições capazes de atrair tais recursos.¹⁶ Furtado precisa que a ideia de desenvolvimento possui um viés fundamentalmente economicista, ignorando-se as aspirações dos grupos - conflitantes ou não - que constituem a sociedade. Ele afirma que a teoria:

[...] aponta para o simples transplante da civilização industrial, esta concebida como um estilo material de vida originado fora do contexto histórico dos países em questão. As condições ideais para esse transplante podem confundir-se com o imobilismo social: a população passa a ser vista pelos agentes do processo de industrialização como uma massa de recursos produtivos enquadrados nas leis dos mercados. Importante prolongamento dessa ideologia é a doutrina do autoritarismo como sistema político mais adequado às sociedades de industrialização tardia. Somente do quadro do autoritarismo seria possível criar as condições requeridas para um rápido transplante das técnicas industriais e, simultaneamente, intensificar a acumulação. A atividade política passa a ser vista como um esforço orientado para reduzir as resistências das estruturas sociais à penetração das técnicas próprias à civilização industrial. O autoritarismo, instrumento para alcançar estágios superiores de acumulação, tenderia a perder sua razão de ser em fase ulterior do desenvolvimento. Também neste caso a evolução das forças produtivas é apresentada como catapulta para alcançar formas sociais consideradas superiores [...].¹⁷

¹⁴ Em 1968, o Brasil crescia a uma taxa de extraordinários 8% ao ano. VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do “milagre” econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71402008000200006>>. Acesso em: 08 maio 2015.

¹⁵ MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011.

¹⁶ FURTADO, Celso. *Criatividade e Dependência na civilização industrial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 106-107.

¹⁷ FURTADO, 2008, p. 108.

O desencantamento com essa metateoria permitiu o surgimento de análises mais próprias à realidade latino-americana.¹⁸ Negre Rigol diz, ao considerar as mudanças sociológicas e a interpretação teológica:

Para que sea la sociedad con todas sus contradicciones y provocación el lugar teológico y hermenéutico por excelencia, es necesario plantear la relación entre orden social y sociología. Empecemos por afirmar que todo hombre es un sociólogo inconsciente y que el hecho social y la sociedad no son nunca un dato inmediato para el hombre, sino que le vienen interpretados. Esta interpretación colectiva (dentro de grupos, clases y países) configura la misma esencia del ámbito social y el modo cómo los individuos se sitúan en la sociedad, la modifican, o se le adaptan, y es además la clave para comprender su proyección política e histórica en pro o en contra del futuro del hombre. La sociología latinoamericana se plantea hoy, a nivel más consciente, esta opción y compromiso como inseparable de su método de trabajo. La sociología del conocimiento se hace al fin sociología del conocimiento de la sociología. Más aún, cree que su última opción no se reduce sólo a un cambio de método especulativo (de la sociología del orden a la sociología dialéctica) o de marco teórico (del funcionalismo a la sociología conflictiva) sino que quiere llegar a la praxis como último criterio científico. La praxis liberadora como verificación sociológica no es más que la justificación de una experiencia: el hombre solamente puede comprender el mundo cuando empieza a cambiarlo. Hay que dejar a la acción su papel de determinar el pensamiento. Sólo entonces la palabra es acción y transformación del mundo.¹⁹

A nova sociologia latino-americana levava em consideração os muitos aspectos das sociedades tais como a cultura, a política, a ideologia dominante, a economia e os níveis de educação, entre outros. Negre Rigol afirma que neste contexto a libertação do pensamento teológico de sua colonialidade tornou-se um passo consequente a uma politização e subversão dos parâmetros conceituais:²⁰

Las ciencias sociales se convierten, desde esta perspectiva, en un arma valiosa para la desmistificación del lenguaje religioso, para la superación de nuevas fórmulas mágicas o slogans rituales de interpretación ingenua de la realidad y sitúan la fe y el mensaje en un terreno más científico y menos subjetivo. Si la política es hoy el lenguaje privilegiado de la teología, la sociología deberá sustituir en parte este lenguaje, ya que lo político es la morfología y epidermis de lo socio-económico.²¹

É importante ressaltar que o contexto imediato de elaboração da Teologia da Libertação não é apenas o da desventura metateórica desenvolvimentista, é a reação

¹⁸ SILVA, Márcio Bolda da. *A filosofia da libertação: a partir do contexto histórico-social da América Latina*. Romae: Gregorian University Press, 1998. p. 48.

¹⁹ NEGRE RIGOL, Pedro. Los cambios metodológicos de las ciencias sociales y la interpretación teológica. In: BLANQUART, Paul. *Pueblo Oprimido Señor de la Historia*. Montevideo: Tierra Nueva, [1972]. p. 182.

²⁰ NEGRE RIGOL, [1972], p. 182.

²¹ NEGRE RIGOL, [1972], p. 183.

autoritária aos projetos defendidos pelos movimentos sociais e pelas novas abordagens organizadas por meio da doutrina da Segurança Nacional. Furtado diz que a doutrina do autoritarismo dos anos 1930 ressurgiu com força nos golpes civil-militares ao longo do período pós-Segunda Guerra Mundial, no bojo da Guerra Fria.²² Dentro dessa situação, Negre Rigol diz que a etapa de mudança na qual chegara as ciências sociais permitia ilações do tipo que colocava o futuro entre fascismo ou socialismo.

Cumprido destacar que *Teoria da Dependência* não teve uma única perspectiva conceitual, não foi uma elaboração teórica monolítica, constituiu-se, pelo contrário, numa construção multifacetada e de viés epistêmico criativamente polissêmico. A *Teoria da Dependência* foi gestada a partir das teses defendidas inicialmente pela Cepal, que foram duramente criticadas, procurando-se novos rumos interpretativos e de ação política diante dos desafios que as inconclusões dos trinta anos de grande crescimento econômico traziam para a América Latina. Depois da euforia desenvolvimentista, os intelectuais latino-americanos questionavam a razão de ter havido uma ampla e burguesa industrialização. A *Teoria da Dependência* surge para dar resposta ao dilema da não-industrialização-nacional, pretendendo dar uma resposta a esta indagação. E os intelectuais que se ocuparam com essa questão a fizeram procurando dar ênfase a aspectos não somente econômicos e imprimindo matizes variados, o que impediria qualquer possibilidade de generalizar tal teoria como um discurso monolítico.²³

A interpretação da Teoria da Dependência pela Teologia da Libertação

Em seu nascedouro, a Teologia da Libertação não fez a mesma opção de grande parte das ciências sociais - sociologia, economia, geografia, pedagogia e antropologia, dentre outras -, qual seja, tomar os dados empíricos e elaborar a partir deles a sua consideração analítica. A teologia, no entanto, pautou-se no *profetismo* como elemento fundante da crítica ao *status quo* conceituando-o como um *cativeiro da igreja*. Tal cativeiro estaria fundamentado no período de ausência de uma construção teológica própria ao contexto colonizado e subdesenvolvido. Segundo Leonardo Boff,

[...] a consciência aguda dos mecanismos que mantêm a América Latina no subdesenvolvimento como dependência e dominação levou a falar em libertação. Esta categoria libertação, correlativa com a outra dependência, articula uma atitude nova no afrontamento com o problema do desenvolvimento. [...] A categoria libertação implica uma recusa global ao sistema desenvolvimentista e uma denúncia de sua estrutura subjugadora. Urge romper com a rede de dependências.²⁴

²² FURTADO, 2011, p. 108.

²³ SOUZA, 2015, p. 170-174.

²⁴ BOFF, Leonardo. *Teologia do cativeiro e da libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 17.

Fica clara a proposta de denúncia como aspecto praxiológico da teologia. Passa-se de uma teologia estrutural-funcionalista e do desenvolvimento a uma teologia que faz do esquema *denúncia-anúncio* seu aspecto mais relevante desde uma proposta de *pastoral* que tenha na realidade concreta sua fundamentação epistêmica.

De acordo com Dussel, a teologia europeia, embora imbuída de uma conseqüente crítica ao *status quo*, tão evidente nas lutas de caráter ideológico contra as tendências fascistas da primeira metade do século XX,²⁵ embebeu-se de metafísica *transformando a contextualidade em universalidade*. A partir do iluminismo, os processos colonialistas foram justificados através de um esquema sujeito-objeto e não pessoa-pessoa. Isso promoveu a percepção solipsista do individualismo, a experiência religiosa da pessoa suficientemente capaz de promover um salto de fé, no dizer Kierkegaardiano.²⁶

A Teologia da Libertação fez sua opção pelos pobres, pelas vítimas, pelas comunidades empobrecidas da América Latina. O lugar dos pobres foi assumido como lugar epistemológico privilegiado do fazer teológico.²⁷ Isso quer dizer que tal compromisso está vinculado à percepção profética que permite àqueles e àquelas que elaboram a reflexão teológica partirem de uma opção que é profética, isto é, uma opção que se instaura na preferencialidade pelas vítimas da história. *Porém, tais vítimas são assumidas desde o ponto de vista político-estrutural e econômico, trata-se não de pobres em abstrato, mas sim de pobres no sentido da escassez material cuja presença remete à pobreza espiritual em seu sentido cultural mais amplo.*

Considerações Finais

Nos termos da Teologia da Libertação, a *dependência* foi interpretada como correlata à *libertação*, isto é, a dependência das nações subdesenvolvidas deveria ser contraposta pela libertação sociopolítica às nações desenvolvidas. Assim como o povo de Deus, um dia, havia saído do *cativeiro* do Egito e da Babilônia, as comunidades de fé presentes na América Latina deveriam seguir o *êxodo* e se libertar do jugo do subdesenvolvimento. A leitura bíblico-teológica da situação de dependência, com todas as suas implicações socioculturais, realizada pelos teólogos da libertação vinculou a realidade econômica e política do continente latino-americano ao mundo contemporâneo das várias fases da história do povo de Israel e, principalmente, da história de Jesus.

²⁵ Sintomático dessas lutas é a elaboração da pergunta por uma *nova linguagem* a respeito de Deus, elaborada, em meio ao domínio nazi-fascista na Europa, por Bonhoeffer, mártir da igreja moderna na luta contra o governo hitlerista. BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

²⁶ VIALLANEIX, Nelly. *Kierkegaard: El único ante Dios*. Barcelona: Herder, 1977. p. 40.

²⁷ MO SUNG, Jung. *Economia: um assunto central e quase ausente na teologia da libertação: uma abordagem epistemológica*. Tese. 317 f. (Doutorado) - Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, [s.n.], 1993. p. 8.

Assim, as categorias teológicas como pecado, libertação, cativo, liberdade, serviço e amor, passaram a ser interpretadas por um viés sociológico e político.

Referências

- ALVES, Rubem. *Teologia da libertação em suas origens: uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil - 1963*. Vitória: IFTAV, Faculdade Salesiana de Vitória, 2004.
- ASSMANN, Hugo. *Liberación, opción de la Iglesia en la década de 70*. Bogotá, [s.e], 1970
- BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do Campo Científico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- COMBLIN, José. *La nueva práctica de la Iglesia en el sistema de Seguridad Nacional. ENCUESTO LATINOAMERICANO DE TEOLOGÍA, LIBERACIÓN Y CAUTIVERIO*. México, 1975.
- DUSSEL, Enrique D. *Desintegración de la cristiandad colonial y liberación: perspectiva latinoamericana*. Salamanca: Sígueme, 1978.
- _____. *Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do Patronado Político Brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979. 2 v.
- FERNANDES, Florestan. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. 5. ed. São Paulo: Global, 2008. p. 25.
- FURTADO, Celso. *Criatividade e Dependência na civilização industrial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MO SUNG, Jung. *Economia: um assunto central e quase ausente na teologia da libertação: uma abordagem epistemológica*. Tese. 317 f. (Doutorado) - Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, [s.n.], 1993.

NEGRE RIGOL, Pedro. Los cambios metodológicos de las ciencias sociales y la interpretación teológica. In: BLANQUART, Paul. *Pueblo Oprimido Señor de la Historia*. Montevideo: Tierra Nueva, [1972].

SADER, Emir. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SHAULL, Richard. *O cristianismo e a revolução social*. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

SILVA, Márcio Bolda da. *A filosofia da libertação: a partir do contexto histórico-social da América Latina*. Romae: Gregorian University Press, 1998

SOUZA, Ezequiel de. *Entre a Dependência e a Libertação: mudanças epistemológicas na teologia latino-americana a partir da apropriação da Teoria da dependência pela Teologia da Libertação*. Tese. 252 f. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do “milagre” econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71402008000200006>>. Acesso em: 08 maio 2015.

VIALLANEIX, Nelly. *Kierkegaard: El único ante Dios*. Barcelona: Herder, 1977.